

POR NOVAS EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE MORFOLOGIA

Vitor de Moura Vivas (IFRJ)

vitorvivas@yahoo.com.br

Rômulo Andrade de Oliveira (UFRJ)

andrado.o.romulo@gmail.com

Felipe da Silva Vital (UFRJ)

felipe.vital02@hotmail.com

Wallace Bezerra de Carvalho (UFRJ)

wallacebcarvalho@gmail.com

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ)

RESUMO

Nosso trabalho apresenta um novo enfoque para o ensino de flexão verbal do português, levando em conta o uso. Diversos autores discutem os processos morfológicos flexão e derivação como distintos de forma gradiente e não discreta. Dentre estes, podemos citar Bybee (1985; 2010); Booij (1996; 2006); Manova (2005); González Torres (2010); Winter (2011); Piza (2001) e Gonçalves (2005; 2011). Nossa abordagem é de base funcionalista-cognitivista, visto que nos fundamentamos em noções caras ao cognitivismo como gradiência e radialidade. Propomos que as marcas modo-tempo-aspectuais (MTA) e número-pessoais (NP) não devem ser entendidas como totalmente flexionais em português. Por mais que essas partículas apresentem mais características flexionais, atributos derivacionais também existem. Desse modo, uma visão que considere uma separação gradiente entre flexão e derivação parece bastante adequada aos dados. As marcas de modo-tempo-aspectuais e número-pessoais nem sempre são estáveis quanto à classe morfológica e ao significado. Demonstramos isso através de critérios como lexicalização categorial, instabilidade categorial, lexicalização semântica, improdutividade, não obrigatoriedade, entre outros. Além disso, essas marcas, em alguns momentos, estão a serviço da expansão lexical. Isso evidencia a existência de padrões derivacionais instanciados por essas marcas, que devem ser descritos e abordados na morfologia do português. Pretendemos apresentar novas perspectivas para o tratamento da flexão verbal do português e para o ensino de morfologia.

Palavras-chave: Morfologia. Flexão Verbal. Ensino.

1. Introdução

Geralmente, o que livros didáticos propõem no estudo de morfologia está muito distante do uso. Além disso, a interface com a semântica e com o texto não é explorada; isso se reflete no ensino da área. Fundamentando-nos em autores como Gonçalves (2005; 2011a; 2011b; 2012), Gonçalves & Almeida (2014), Basílio (1987; 2010; 2011) e Vivas (2010; 2011; 2015), pretendemos aplicar ao ensino o que é produzido e discutido em morfologia no âmbito acadêmico. Na nossa pesquisa, focalizando

o uso e o texto, apresentaremos possibilidades de efetivar um ensino de morfologia, conforme o que apregoam os PCN. Neste artigo, evidenciamos uma proposta inicial de atividade sobre verbos que considera a importância do uso e do texto.

2. *Pensando em mudanças no ensino de morfologia*

O estudo de morfologia, no ensino médio, costuma ser feito de forma descontextualizada. Além de não se pensar na relação entre morfologia e texto, não se abordam mudanças que ocorrem nesse componente da língua e nem se atenta para a criatividade do falante na produção de novos dados a partir de padrões que dominam. A partir da nossa pesquisa, apresentaremos novas possibilidades de práticas e metodologias no ensino de morfologia.

É fundamental apresentar no ensino médio uma abordagem que contemple descobertas feitas no âmbito acadêmico. É fundamental possibilitar novas abordagens de pesquisa que deem mais relevância a relação entre o conhecimento científico e a sala de aula. Nesse sentido, o projeto tem relevância tanto ao ensino como às pesquisas na área.

Na descrição de compêndios gramaticais e escolares sobre verbos, é comum que se focalize e se dê muita relevância ao aprendizado de tempos e pessoas verbais que já caíram em desuso. O aluno é obrigado a aprender o pretérito mais-que-perfeito simples, o preenchimento da segunda pessoa do plural, mas não se leva em conta as mudanças que ocorreram no uso. É até importante dar aos alunos o acesso ao que caiu em desuso para que ele tenha domínio leitura/produção de quaisquer gêneros textuais; no entanto, é fundamental que o professor demonstre ao aluno as modificações que ocorreram e toda a simplificação que se deu no quadro de tempos e pessoas verbais. Além disso, é necessário também que relacione o uso do verbo com o texto. Abaixo, demonstramos algumas mudanças no quadro de tempos verbais que já aconteceram.

3. *Proposta de atividade de aula sobre verbos*

O roteiro de atividade apresentado abaixo considera o quadro de conjugação verbal, levando em conta as questões centrais que devem ser abordadas no ensino. Além disso, no final, apontamos um exemplo de exercício que tenta levar o aluno a refletir sobre o uso de verbos no texto.

3.1. Tempos Verbais do Português: Conjugação

3.1.1. *Modo Indicativo*

PRESENTE			PRETÉRITO IMPERFEITO		
Canto	Vendo	Parto	Cantava	Vendia	Partia
Cantas	Vendes	Partes	Cantavas	Vendias	Partias
Canta	Vende	Parte	Cantava	Vendia	Partia
Cantamos	Vendemos	Partimos	Cantávamos	Vendíamos	Partíamos
Cantais	Vendeis	Partis	Cantáveis	Vendêeis	Partíeis
Cantam	Vendem	Partem	Cantavam	Vendiam	Partiam

PRETÉRITO PERFEITO			PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO		
Cantei	Vendi	Parti	Cantara	Vendera	Partira
Cantaste	Vendeste	Partiste	Cantaras	Venderas	Partiras
Cantou	Vendeu	Partiu	Cantara	Vendera	Partira
Cantamos	Vendemos	Partimos	Cantáramos	Vendêramos	Partíramos
Cantastes	Vendestes	Partistes	Cantáreis	Vendêreis	Partíreis
Cantaram	Venderam	Partiram	Cantaram	Venderam	Partiram

FUTURO DO PRESENTE			FUTURO DO PRETÉRITO		
Cantarei	Venderei	Partirei	Cantaria	Venderia	Partiria
Cantarás	Venderás	Partirás	Cantarias	Venderias	Partirias
Cantará	Venderá	Partirá	Cantaria	Venderia	Partiria
Cantaremos	Venderemos	Partiremos	Cantáramos	Venderíamos	Partiríamos
Cantareis	Vendereis	Partireis	Cantáreis	Venderíeis	Partiríeis
Cantarão	Venderão	Partirão	Cantariam	Venderiam	Partiriam

3.1.2. *Modo Subjuntivo:*

PRESENTE DO SUBJUNTIVO			PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO		
Cante	Venda	Parta	Cantasse	Vendesse	Partisse
Cantes	Vendas	Partas	Cantasses	Vendesses	Partisses
Cante	Venda	Parta	Cantasse	Vendesse	Partisse
Cantemos	Vendamos	Partamos	Cantássemos	Vendêssemos	Partíssemos
Canteis	Vendais	Partais	Cantásseis	Vendêsseis	Partísseis
Cantem	Vendam	Partam	Cantassem	Vendessem	Partissem

FUTURO DO SUBJUNTIVO					
Cantar	Cantares	Cantar	Cantarmos	Cantardes	Cantarem
Vender	Venderes	Vender	Vendermos	Venderdes	Venderem
Partir	Partires	Partir	Partirmos	Partirdes	Partirem

3.1.3. O imperativo em termos formais:

Imperativo negativo → presente do subjuntivo (aparece sempre com um advérbio de negação à frente)

Imperativo afirmativo → P2 e P5 são provenientes do presente do indicativo, já as outras pessoas (P3, P4, P6) vêm do presente do subjuntivo.

Imperativo:

Joga (tu)	→ jogas
Jogai (vós)	→ jogais
Jogue (você)	→ jogue
Joguemos (nós)	→ joguemos
Joguem (vocês)	→ joguem

Tempo

Tempo de ocorrência do processo tendo em vista o momento da enunciação.

Modo:

Indicação de subjetividade:

Modo	
Indicativo	Subjuntivo
(não assinala subjetividade)	(assinala subjetividade)

Subjuntivo: Indicação de subjetividade + subordinação sintática

- Quero que você **saia**
- Se você me **procurar**, nós conversaremos.

Observação: O subjuntivo pode, em vez de indicar subjetividade, expressar contrafactualidade. Isso ocorre, por exemplo, quando, num domingo, o falante diz a seguinte frase: “Quem dera hoje **fosse** sexta!”. Pode-se apresentar um fato irreal ao se utilizar o subjuntivo.

Indicativo: Expressa, geralmente, objetividade. O falante, nor-

malmente, expressa certeza com relação ao que diz.

- a) Eu **chegarei** amanhã.
- b) Eu **falo** com ela todo dia sobre esse assunto.

Em alguns contextos, o indicativo pode expressar subjetividade:

- a) Eu **acho** que ela é feliz.
- b) Se você **trabalha** nesta empresa, você é feliz.

Imperativo: No imperativo, assinala-se subjetividade sem subordinação sintática:

- a) **Saia**.
- b) **Procure**-me amanhã para conversarmos.

Mudança no quadro pronominal do português leva a uma mudança no quadro flexional:

(P1) Eu passaria 0	Eu passaria 0	Assim, observamos, então, uma redução do quadro de flexão número-pessoal para:	1ª pessoa do singular→ eu
(P2) Tu passarias	Você passaria 0		3ª pessoa do singular→ ele, você
(P3) Ele passaria 0	Ele passaria 0		1ª pessoa do plural→ nós 3ª pessoa do singular→ a gente
(P4) Nós passaríamos	A gente passaria 0 ~ Nós passaríamos		3ª pessoa do plural→ eles, vocês
(P5) Vós passaríeis	Vocês passariam		
(P6) Eles passariam	Eles passaria /N/		

Assim, percebemos que o sufixo flexional de P2 e P5 cai em desuso no quadro flexional verbal na maior parte do território brasileiro.

Exercício

Leia o texto abaixo e responda as seguintes questões:

- a) Com qual intenção o texto é produzido? Justifique sua resposta.
- b) Qual é o tempo verbal mais utilizado no texto? Pensando no objetivo do texto, por que esse tempo aparece com

tanta frequência?

- c) Dê exemplo de mais dois tempos verbais que ocorram no texto e demonstre a causa desses usos.

A democracia brasileira

(EDITORIAL *O GLOBO* – 23/02/2014)¹²¹

Quem utiliza a violência para corrigir injustiças sociais ou fazer valer direitos bebe na fonte do totalitarismo e deve arcar com as consequências de seus atos

Passado o primeiro impacto causado pelo absurdo assassinato do cinegrafista da TV Bandeirantes Santiago Andrade, em pleno exercício da profissão, começam a surgir aqueles que consideram compreensível, senão justificável, o uso de violência em manifestações. Trata-se de um raciocínio que constrange todos os democratas. E que deve ser repudiado.

Muitos deles afirmam, com variações, em jornais, blogs e redes sociais, que o assassinato era uma tragédia anunciada, um enunciado do qual não se pode discordar. Mas não, como era de se esperar, porque manifestações violentas põem a vida das pessoas em risco. E sim, afirmam, porque a violência e suas consequências seriam inevitáveis numa nação em que os problemas de seus cidadãos não são resolvidos.

Criticam acidamente os que põem nos black blocs a culpa da eclosão da violência nas manifestações, apelando para a origem internacional do fenômeno, que se traduziria, não pela formação de grupos organizados, mas por uma atitude: para acabar com o capitalismo, destroem bens públicos e de corporações, com o objetivo de chamar a atenção, mas sem a intenção de ferir ou matar alguém (os assassinos do cinegrafista não se definem como black blocs). Só se esquecem de mencionar que em todas as democracias, quando eles agem assim, atingindo ou não pessoas, são presos, responsabilizados, julgados e punidos.

Aqui, dizem, seria diferente, e haveríamos de ter um maior grau de tolerância com a violência, porque viveríamos uma democracia capenga. Parecem querer dizer que, para aqueles que acreditam que alguns de seus direitos lhes foram negados, não basta o grito, o protesto: a violência se faz necessária. E, na visão deles, é bom que seja assim, porque isso acelerará as transformações necessárias para se chegar a um país melhor. Esse raciocínio, porém, é de um extremo equívoco.

Presidente, parlamentares, governadores e prefeitos foram todos legitimamente eleitos pela escolha livre popular. Temos Três Poderes harmônicos e independentes, num sistema de pesos e contrapesos, em que um controla os

¹²¹ Disponível em: <<http://avaranda.blogspot.com.br/2014/02/a-democracia-brasileira-editorial-o.html>>

potenciais excessos dos outros. Temos uma imprensa absolutamente livre, que, com apoio do nosso sistema jurídico, calcado na Constituição, rechaça ambições autoritárias vindas de minorias. Desde 1994, os investimentos sociais cresceram de forma exponencial, principalmente na última década, como é notório. E, numa prova cabal de que no Brasil ninguém está acima de ninguém, hoje estão na cadeia altos próceres do partido que está no governo desde 2003, pagando por seus crimes de corrupção, sem que este mesmo governo tenha feito outra coisa senão cumprir a lei.

É evidente que há desafios enormes. A corrupção é uma calamidade, a desigualdade social ainda é lamentável, direitos básicos como educação, saúde, transporte e habitação deixam muito a desejar, e quem sofre mais é o pobre. Talvez seja por isso que digam que a democracia brasileira é capenga, mas até nisso estão equivocados. A democracia não é sinônimo de sociedade mais justa socialmente. A democracia é o único meio para se alcançar uma sociedade mais justa. E num país ainda pobre como o nosso não se chega a uma sociedade menos desigual do dia para a noite.

É saudável e legítimo que o povo, organizado ou não, saia às ruas para cobrar os seus direitos. É assim em toda democracia do mundo. Mas ninguém, numa democracia, pode querer alcançar esses direitos pela violência. Quem utiliza a violência como método para corrigir injustiças sociais ou fazer valer direitos se põe fora da democracia, bebe na fonte do totalitarismo e deve arcar com as consequências de seus atos.

A democracia não é um projeto suicida. Não pode ser. Ela não pode aceitar que façam parte do jogo democrático aqueles que querem acabar com ela. Por essa razão, todos aqueles que são de algum modo complacentes com a violência como método político, e se dizem democratas, mesmo sem intenção, enfraquecem a democracia em vez de robustecê-la. Numa democracia estabelecida como a nossa, não há espaço para um pensamento assim.

O povo brasileiro tem lutado por seus direitos com as únicas armas legítimas de que dispõe: a voz, as manifestações e, a mais poderosa delas, o voto. Sair desse terreno é se atirar no abismo: revoluções pela força, mesmo aquelas feitas em nome e para o bem do povo, costumam resultar em tirania. O povo brasileiro não precisa de vanguardas anacrônicas (um paradoxo a que estamos assistindo), que acreditam que só elas sabem onde o bem está e são as únicas capazes de conduzir o país até ele.

Os nossos problemas sociais são muitos. Mas não foram eles que levaram Santiago de Andrade à morte. Isso é um desrespeito a ele, à sua família e aos seus colegas de profissão. Ele foi morto pela ação de Fábio Raposo e Caio de Souza, réus confessos. E por aqueles que os aliciaram, os financiaram e os armaram. A democracia brasileira exige que essa cadeia de comando seja esclarecida e seus responsáveis, punidos. Sejam eles quem for, tenham o colorido político que tiverem, sejam criminosos comuns ou idealistas irracionais ou inconsequentes ou ignorantes.

4. Apresentação ao aluno das diversas formas de materializar formalmente alguns tempos verbais

No português, há concorrência de estratégias para indicar um conteúdo modo-tempo-aspectual. Uma noção modo-tempo-aspectual, muitas vezes, tem, em português, mais de uma forma de ser materializada morfológicamente, além de apresentar materializações sintáticas, como vemos a seguir:

Noção de futuro do presente:

- a) Amanhã, eu **falarei** com ela.
- b) Amanhã, **irei falar** com ela.
- c) Amanhã, eu **vou falar** com ela.
- d) Eu **falo** com ela **amanhã**.

Noção de pretérito imperfeito:

- a) Eu **saía** com ela sempre às segundas.
- b) Eu **ia sair** com ela sempre às segundas.
- c) Ela **cantava** sempre naquele bar.
- d) Ela **ia cantar** sempre naquele bar.

Noção de futuro do pretérito:

- a) Se eu fosse você, eu **falaria** com ela amanhã.
(Uso descrito pela gramática tradicional)
- b) Se eu fosse você, eu **iria falar** com ela amanhã.
- c) Se eu fosse você, eu **falava** com ela amanhã.
- d) Se eu fosse você, eu **ia falar** com ela amanhã.

Noção de imperativo:

- a) Vocês, **venham** logo aqui.
(Uso descrito pela gramática tradicional)

- b) Vocês, **vêm** logo aqui.
- c) Vocês **vão vir** logo aqui.
- d) Vocês **virão** logo aqui.

Noção de pretérito mais-que-perfeito:

- a) Ele **jogara** futebol há muitos anos quando se tornou técnico.
- b) Ele **tinha (havia) jogado** futebol há muitos anos quando se tornou técnico.

Para indicar FUTURO DO PRESENTE, além do uso do afixo de MTA de futuro do presente, *re-*; *ra-*, como em ‘falarei’; ‘falará’, utiliza-se também a forma do presente do indicativo em um verbo modificado por um adjunto adverbial que indique futuro: ‘falo amanhã’. Além disso, ocorrem expressões sintáticas para manifestar essa noção: ‘irei falar’; ‘vou falar’. Além das marcas morfológicas *-va* e *-ia*, para expressar o conteúdo PRETÉRITO IMPERFEITO, utiliza-se também a estratégia sintática: ‘ia cantar’; ‘ia sair’ (verbo ‘ir’ no pretérito imperfeito do indicativo + verbo principal no infinitivo).

Para indicar FUTURO DO PRETÉRITO, além da estratégia morfológica (*-ria*), como em ‘falaria’, ocorre a utilização da marca de pretérito imperfeito, com certa frequência, nesses contextos (*-va*): ‘falava’. Além disso, os falantes também lançam mão de estratégias sintáticas para veicular a noção de FUTURO DO PRETÉRITO: ‘iria jogar’ (materialização sintática do futuro do pretérito); ‘ia jogar’ (materialização sintática do pretérito imperfeito).

Para expressar a noção encontrada em formas imperativas, é comum utilizar-se a expressão morfológica de tempo presente do indicativo: ao lado de ‘venham’ (imperativo), ocorre ‘vêm’ (presente do indicativo). Um outro uso frequente para dar ordens, conselhos ou fazer pedidos às pessoas (contexto de imperativo) é preencher o sujeito (que representa o interlocutor) e colocar o verbo no futuro através de estratégia morfológica (‘vocês virão’) ou sintática (‘vocês vão vir’). A noção de PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO tem materialização morfológica (‘jogara’) e materialização sintática (‘tinha jogado’, ‘havia jogado’).

Como verificamos acima, através da análise do uso de verbos no

português do Brasil, é incontestável que não se verificam apenas estratégias morfológicas na manifestação dos conteúdos de modo-tempo-aspecto. Além disso, é uma ilusão pensar na existência de relações unívocas. Além de expressões sintáticas em diversos contextos de MTA, ocorrem também manifestações morfológicas não previstas pela tradição. Marcas formais idênticas são usadas para expressar diferentes significados modo-tempo-aspectuais: presente do indicativo para expressar a noção de FUTURO DO PRESENTE e FUTURO DO SUBJUNTIVO; pretérito imperfeito do indicativo ocorrendo no contexto de futuro do pretérito etc.

5. *Considerações finais*

Neste artigo, pretendemos abordar uma estratégia de ensino de verbo que, apesar de não abrir mão do que é exposto na tradição gramatical, considera que a língua muda com o passar do tempo e o falante é sujeito ativo nessas mudanças. O desinteresse dos alunos por morfologia se deve muitas vezes à percepção de um estudo desvinculado do uso e do texto. É mais do que necessário propor mudanças para o ensino de morfologia pautando-se nas pesquisas acadêmicas produzidas na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Regina Simões; GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. O processo de formação de palavras com os splinters -nese, -nejo e -tone. *Entretextos*, vol. 14, p. 27-42, 2014.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística*, vol. 6, n. 2, 2010.

_____. O papel da metonímia na morfologia lexical. *ReVEL*, vol. 9, n. 5, p. 99-117, 2011.

BOOIJ, Geert. Inherent versus contextual inflection and the split morphology hypothesis. In: ____; Van Marle (Eds.). *Yearbook of Morphology 1995*. Dordrecht, Kluwer, p. 1-16, 1996.

_____. Inflection and derivation. In: BROWN, K. et al. (eds.), *Encyclopedia of language and linguistics*. 2. ed. vol. 5, Oxford: Elsevier, p. 654-

661, 2006.

BYBEE, Joan Lea. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. 1. ed., vol. 9, Amsterdam; Philadelphia, John Publishing Company, 1985.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University, 2010.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *ReVEL*, vol. 9, n. 5, p. 6-39, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_compostos.pdf>.

_____. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *SIGNUM: Estudos de Linguagem*. Londrina, vol. 15, p. 169-199, 2012. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/10721/11171>>

_____; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa: Revista de Linguística*, vol. 1, p. 165-193, 2014.

_____; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de; ANDRADE, Katia Emmerick. Se a macumba é para o bem, então é "boacumba": análise morfo-prosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística*, Rio de Janeiro, vol. 6, p. 64-82, 2010. Disponível em:

<<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/wp-content/uploads/2011/12/Se-a-macumba-e-para-o-bem.pdf>>.

OLIVEIRA, Patricia Affonso de. Os afixoides eco- e homo- no processo de recomposição. *Cadernos do NEMP*, vol. 3, p. 69-81, 2012. Disponível em:

<<http://www.nemp.com.br/images/pdf/patrcia%20affonso%20de%20oliveira.pdf>>.

SILVA, Hayla Thami da; LIMA, Bruno Cavalcanti. Processos não-lineares de formação de palavras: os mal-comportados do português. *Revista Souza Marques*, p. 71-94, 2011.

SILVA, Neide Higinio da. Agri- e agro-: a produção no campo do contínuo composição-derivação. *Cadernos do NEMP*, vol. 3, p. 43-68, 2012. Disponível em:

<<http://www.nemp.com.br/images/pdf/neide%20higinio%20da%20silva.pdf>>.

VIALLI, Luciana de Albuquerque Daltio. *Reduplicação de base verbal: uma análise pela morfologia construcional*. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, UFRJ/Faculdade de Letras, 2013.

VIVAS, Vítor de Moura. “A instabilidade categorial do participípio passado: uma visão cognitivista”. In: ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de et al. *Linguística Cognitiva em Foco: morfologia e semântica do português*, , capítulo 4, Rio de Janeiro, Publit, 2010.

_____. *Novos enfoques sobre a flexão verbal em português: abordagem formal e semântica do mecanismo fusão*. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, UFRJ/Faculdade de Letras, 2011.

_____. “Análise de padrões não-flexionais nas marcas de modo-tempo-aspecto e número-pessoa”. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, v. 8, pp. 231-242, 2014.

_____. *Abordagem de padrões derivacionais nas marcas de modo-tempo-aspecto e número-pessoa: por uma visão gradiente da morfologia do português*. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, UFRJ/Faculdade de Letras, 2015.